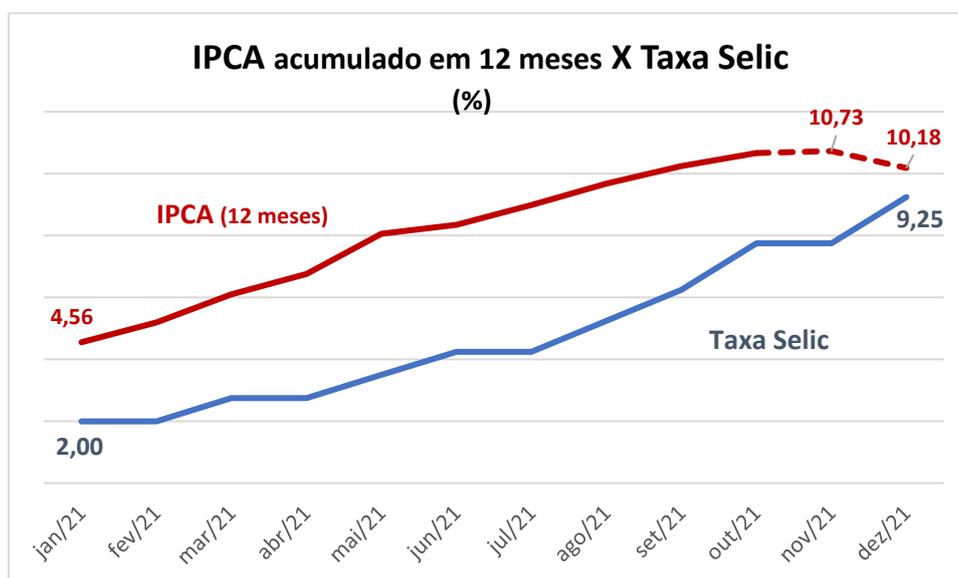


Taxa Selic no maior patamar em quatro anos

Em sua última reunião do ano, o COPOM – Comitê de Política Monetária optou por aumentar pela 7ª vez consecutiva a taxa básica de juros da economia. Com isso, a Taxa Selic fecha o ano em 9,25%, acumulando alta de 7,25 pontos percentuais em 2021. Essa política contracionista tem sido utilizada pelo governo na tentativa de segurar a inflação, que segue em alta, 10,67% em doze meses até outubro. Considerando que os preços dos combustíveis e da energia elétrica são os maiores influenciadores desse descontrole inflacionário, aumentar os juros para segurar a demanda não se mostra eficaz para reverter o quadro da inflação atual.



Com esse aumento, a Selic atinge o maior patamar dos últimos 4 anos. Em 2017 chegou a 10,25% e a partir de então começou a cair até o menor patamar histórico, 2,0%, onde ficou até março desse ano.

A taxa básica de juros da economia serve como base para as demais taxas de juros do mercado, e essa sequência de aumentos na Selic traz impactos importantes na economia, com destaque para o aumento no custo do crédito tanto para empresas quanto para a população. O encarecimento do crédito desestimula investimentos, produção e contratações, refletindo na queda do consumo das famílias, consequência da redução do poder de compra da população, aliado ao aumento da pobreza. Há ainda a elevação nas taxas bancárias, que em outubro atingiu a maior média desde março do ano passado.

Com esses reflexos negativos, a expectativa de crescimento da economia segue em queda. Para 2022, a previsão é de que o PIB cresça apenas 0,51%, resultado insuficiente para colocar a economia brasileira em recuperação após os impactos da crise de 2015-2016 e da pandemia da Covid19.

Essa alta nos juros básicos da economia gera, ainda, um custo adicional com juros da dívida pública, uma vez que é a taxa Selic que baliza os juros que o governo paga ao pegar dinheiro emprestado. Esse aumento de 2,0% para 9,25% em 2021 deve gerar um impacto de quase R\$ 240 bilhões na dívida pública.

Para o próximo ano não se vislumbra uma mudança de direção dessa política monetária. O mercado projeta uma Selic em 12,25% ao final de 2022, uma vez que o processo inflacionário deve seguir desfavorável, com a inflação oficial novamente acima do teto da meta do governo. O grande problema é que nas projeções para 2022 o cenário é de aumento nos preços com desaceleração do PIB, gerando um quadro de estagflação (quando mesmo sem crescimento econômico há uma disparada na inflação). Somando as incertezas de um ano eleitoral, outras medidas deverão ser tomadas para estimular a economia, a produção, o consumo e a confiança da população.

Januária Guedes
Fieg/Cotec – Área Econômica